

INFLUÊNCIAS HORACIANAS E VERGILIANAS EM OS LUSÍADAS

Horácio Rolim de Freitas, da UERJ e ABF

INTRODUÇÃO

Mantendo a tradição renascentista, Camões compõe o seu poema épico sob a imitação dos modelos clássicos. E esse modelo teve-o na *Eneida*. O grande objetivo de Camões e Vergílio¹ era o sentimento de nacionalidade, seguido do moralista e religioso.

Vergílio, diante da origem lendária de um povo oriundo de grupos de salteadores e prófugos, procura sublimar-lhe a origem, indo buscar em Enéias um semideus de filiação divina, saído de Tróia com seu filho Ascânio e os deuses penates, para fundar o primeiro tronco dos romanos e uma nacionalidade promissora.

Camões, com elevado sentimento patriótico, traz do passado os heróis antigos, sublima-os diante da nobreza e dos intelectuais, procurando elevar o caráter e o moral dos portugueses e assim o diz: “*Hum novo exemplo de amor dos patrios feitos valerosos*”(I, 9).

Embora recebendo influência de Vergílio, na *Eneida*, e de Homero, na *Iliada* e na *Odisséia*, o gênio português difere em inúmeros aspectos de seus modelos e, em muitas ocasiões, supera-os.

Vergílio apresenta o herói Enéias que fundará, pela vontade dos deuses, vencendo inúmeras dificuldades, o berço da nação romana; no marcante verso do Livro I:

“*Arma virumque cano Troiae qui primus ab oris*”

Camões descreverá os feitos lusitanos, destacando, não um herói, mas uma galeria de reis e de homens destemidos e gloriosos, demonstrando-o logo no início do poema:

“*As armas e os barões assinalados*”

Diferença também se constata na descrição das aventuras marítimas: enquanto Homero narrou os percalços de Ulisses, Camões narrou os fatos de que ele próprio foi parte. Sobre tal comparação são precisas as palavras de Hernani Cidade²: “não é tanto em imitação como em vitoriosa competência com Vergílio”

É oportuno ressaltar que Camões inovou ao acrescentar em seu poema épico a Dedicatória (a D. Sebastião).

“C. I ,6: “*E vós, ó bem nascida segurança.*”

¹ Optamos por Vergílio, forma usada nos manuscritos e inscrições do séc. II aC ao séc. IV d.C. Virgílio só aparece a partir do séc. V d.C., possivelmente por influência de virgo.

² Cidade, Hernani – Luís de Camões - O Épico, Lisboa, Livraria Bertrand, 1953, p. 29

Vergílio e Homero não dedicaram seus poemas a ninguém. Outro ponto a lembrar reside em que para os fatos inexplicáveis pelo modo natural e humano, busca-se o “maravilhoso”, isto é, a introdução dos elementos sobrenaturais.

Camões misturou o maravilhoso pagão com o maravilhoso cristão, embora não tenha sido o primeiro, de vez que já ocorrera nas tradições francesa e germânica. Note-se, contudo, que, fiel aos cânones clássicos da tradição renascentista de apelo ao maravilhoso pagão, em *Os Lusíadas*, Camões coloca os santos católicos acima dos deuses pagãos.

Em muitas passagens, o Poeta luso segue de perto a Vergílio. Assim ocorre na Invocação:

C. I,5 : *“Dai-me uma fúria grande e sonora,
E não de agreste avena ou frauta ruda”*

Pede às ninfas (Tágides) inspiração grandiosa, digna da poesia épica, não a flauta pastoril (avena agreste) da singela poesia lírica.

Já Vergílio, na apresentação do poema, assim se expressa:

“Ille ego qui quondam gracili modulatus avena / carmen”
(*Eu sou aquele que outrora cantei versos ao som de uma flauta pastoril*)

Também, nas *Bucólicas*, empregou o mesmo termo:

“Silvestrem tenui musam meditaris avena.”
(*Ensaías a cantiga silvestre com a flauta pastoril*).

Ainda comparando as duas epopéias, é oportuno relembrar a passagem da súplica de Vênus a Júpiter. A Vênus de Vergílio fala ao pai apenas como filha e dele recebe paternal e casto beijo, consolando-a com estas palavras que a acalmam, e profetiza os sucessos da geração de Enéias:

“Parce metu, Cytherea, manent immota tuorum Fata tibi.”
(*Não tenhas medo, ó Cyteréia, os destinos dos teus permanecem-te imutáveis*)

Já a Vênus de Camões, ao se aproximar do pai dos deuses, fá-los estremecer de desejos e ciúmes. Ela aí não é apenas a protetora dos nautas portugueses, mas antes a mulher sedutora e provocante a cujos reclamos, lágrimas e sensualidade Júpiter se curva³.

Outra comparação em que se pode notar o superior gênio de Camões está na estrofe 125 do C. III, onde se inspirou em dois versos da *Eneida*, quando Enéias fala da imagem de Cassandra que lhe ficou na memória:

³ A propósito desta passagem da Súplica de Vênus, escreveu o Prof. Hamilton Elia brilhante artigo publicado na Revista Littera, nº 6, Rio, Grifo Edições, 1972, p. 53

Liber II, 403 – 406 “..... Priameia virgo
Cassandra
*Ad coelum tendens ardentia lumina frustra:
 Lumina, nam teneras arcebant vincula palmas.”*

(A donzela Cassandra, filha de Príamo, levantando em vão para o céu os olhos brilhantes, os olhos porque os laços prendiam as delicadas mãos)

Assim descreve Camões no episódio de Inês de Castro:

“*Pera o céu cristalino alevantando
 Com lágrimas, os olhos piedosos,
 (Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
 Um dos duros ministros rigorosos)*”

Não há dúvida de que Camões conhecia perfeitamente a *Eneida* e a mitologia greco-romana; inclusive detalhes sobre a vida dos deuses, o que se comprova pelas inúmeras alusões no decorrer de todo o poema, e nos epítetos que substituíam os nomes, como, por exemplo, o Sol: Apolo ou filho de Latona; Vênus: A Cípria, a Citeréia, a deusa Páfia ou a linda Ericina.

Se dominou o latim e os autores da literatura latina comprovadamente, não lia o grego no original, como afirmam eminentes camonistas: Carolina Michaelis de Vasconcelos, Hernani Cidade, Storck. O conhecimento da *Ilíada* e da *Odisséia* recebeu-o dos autores de língua espanhola, que também dominava.

Destaque-se, ainda, que a intervenção dos deuses se faz pela narrativa do poeta, o narrador nº1, onisciente.⁴

Vasco da Gama, o narrador nº2⁵, não faz alusão aos deuses diante dos perigos enfrentados pelos portugueses. Atribui-os aos elementos da natureza e, ao invocar proteção, o faz à Providência Divina.

Camões não recebeu apenas influência de Vergílio, como demonstram passagens e citações de Horácio, Ovídio e Lucano.

Não poucas foram também as passagens das Odes de Horácio que ecoaram na lembrança de Camões.

O vate romano que se immortalizou pelas Odes tanto na fase epicurista, como na fase de maior maturidade, e na Arte Poética, notabilizou-se como exímio poeta de elevado estilo e suas idéias ainda hoje admiram a quantos o conhecem.

Camões dele recebeu influência na utilização dos deuses, ao interferirem na vida e aventuras dos mortais; na apreciação dos bons vinhos, como

⁴ Denominação usada pela douta Profa. Cleonice Berardinelli in Estudos Camonianos, Rio, MEC, Departamento de Assuntos Culturais, 1973, p. 35.

⁵ Idem, ibidem.

ocorre na Ode XX do Liber I: ao pregar o aproveitamento dos momentos da vida na Ode XI, Liber I: *Ad Leuconem*, cujo último verso se tornou um aforismo: “*carpe diem, quam minimum credula postero*”. Ou ainda na exaltação da imortalidade de que é exemplo a famosa Ode XXX do Liber tertius.

Neste estudo, restringir-nos-emos às influências de Horácio e Vergílio.

INFLUÊNCIAS HORACIANAS

Camões, no Canto III, 83, após lembrar os grandes triunfos de D. Afonso Henriques, descreve-o já avançado em idade, enfraquecido pela doença e a conseqüente morte.

*De tamanhas vitórias triunfava
O velho Afonso, Príncipe subido
Quando quem tudo enfim vencendo andava,
Da larga e muita idade foi vencido.
A pálida doença lhe tocava,
Com fria mão, o corpo enfraquecido,
E pagaram seus anos deste jeito,
À triste Libitina seu direito.*

Nos dois últimos versos, explica que seus anos (de vida) pagaram o direito à triste Libitina, isto é, à morte.

Possivelmente, veio à lembrança do Poeta a bela passagem de Horácio na Ode XXX do Liber Tertius⁶, conhecida logo pelo 1º verso: “*Exegi monumentum aere perennius*” onde afirma ter realizado uma obra perene que o tornará imortal, o que realmente aconteceu. Nos versos seguintes, refere-se a Libitina:

*Non omnis moriar, multa que pars mei
Vivabit Libitinam. Usque ego postera
Crescam laude recens...*

(*Não perecerei de todo e grande parte de mim escapará da morte. Eu sempre atual engrandecer-me-ei com a glória futura*).

Nesta ode, Horácio já se afastara do epicurismo, dando, agora, importância às coisas imortais e predizendo que sua obra será eternamente lembrada. Essa será a grande parte do poeta que não será levada pela Libitina, isto é, a morte.

Libitina: Deusa da morte. Presidia os funerais em seu templo, localizado num bosque sagrado do Aventino.

Era costume um parente fechar os olhos de morto e todos os presentes gritavam, por três vezes, o nome do falecido e a frase: “*Ave, sit tibi terra levis*”.

⁶ Dirigida à deusa do canto Ad Melpomenem

Sendo de uma família de posses, eram chamados os *libitinarii*, agentes ou preparadores das cerimônias fúnebres, que laboravam no templo da deusa.

O falecimento constava dos registros do templo conhecido também como de *Venus Libitina*. Poeticamente, o nome *Libitina* passou a designar a morte.

Assim como na Eneida, Camões descreve em seu poema as dificuldades marítimas por que passam os navegadores, causadas, principalmente, pelas tempestades e pela fúria dos ventos. Daí, não raro a referência a Éolo, ao Noto, ao Áfrico, ao Áquilo.

Éolo > gr. “*Αἰόλος*, procedendo de “*αἰόλος*” rápido, veloz”.

Camões cita-o nas passagens do Canto V, 15, Canto VI, 35, Canto II, 105, Canto III, 8

Destaquemos as duas primeiras:

Canto V, 15: “*Por calmas, por tormentas e opressões
Que sempre faz no mar o irado Eolo*”.

Canto VI, 35: *Ao Grande Eolo mandam já recado,
Da parte de Netuno, que sem conto
Solte as fúrias dos ventos repugnantes,
Que não haja no mar mais navegantes*”.

Adjetivos denotam-lhe a fúria, como: irado, terrível, raivoso etc.

No primeiro exemplo, o irado Eolo causa tormentas e opressões às naus portuguesas.

No segundo exemplo, Netuno, senhor dos mares, manda que o filho Eolo “*solte as fúrias dos ventos repugnantes*” contra os navegantes.

Camões ainda aqui emprega o termo repugnante no seu sentido primitivo de re + pugnante de *pugnare*: lutar. Latinismo que traduz a idéia de ventos que combatem, que lutam, que se revoltam.

Soltá-los? Por quê?

Creemos que a resposta está na fonte haurida por Camões: a bela Ode III do livro I de Horácio, onde clama a Vênus, inicialmente deusa dos marinheiros e da navegação, que a nau em que viaja Vergílio, a quem se refere com a conhecidíssima frase: “*animae dimidium meae*”, não sofra as conturbações marítimas.

Não há dúvida de que Camões conhecia esta e outras odes horacianas.

Logo no início, Horácio invoca também a Éolo através da expressão “*ventorum pater*”

*Sic te Diva potens Cypri
Sic fratres Helenae, lucida sidera
Ventorumque regat pater,
Obstrictis aliis praeter Iapyga,*

*Navis, quae tibi creditum
Debes Vergilium, finibus Atticis
Reddas incolumen, precor,
Et serves animae dimidium meae”*

(*Oxalá a poderosa deusa de Chipre, assim como os irmãos de Helena, astros brilhantes, e o pai dos ventos, todos encarcerados, à exceção de Iápige, te conduzam, ó nau, que deves restituir Vergílio confiado a ti. Suplico-te que o devolvas salvo nas praias atenienses e conserves a metade de minha alma*).

Para admirarmos a beleza dessa Ode, é oportuno que façamos alguns comentários.

Diva potens Cypri: trata-se de Vênus. Inicialmente, fora a deusa da navegação e depois a deusa da beleza como, em geral, é conhecida. Consta na história da Mitologia que, tendo traído seu esposo Vulcano, este preparou uma armadilha, prendendo-a com Marte, seu amante, numa rede invisível de ouro. Chamadas todas as divindades do Olimpo, elas constataram a traição. Envergonhada, Vênus retirou-se para a ilha de Chipre. Daí a expressão que dá início à Ode.

Fratres Helenae: os irmãos de Helena são Castor e Pólux, conhecidos também como Dióscoros, isto é, filhos de Zeus. Em paga por sua dedicação, Júpiter fê-los duas estrelas brilhantes (lucida sidera) na constelação de Gêmeos, e Netuno deu-lhes o poder sobre os ventos e as ondas.

Pater ventorum: Éolo, pai dos ventos, vigiava todos os outros ventos encarcerados numa caverna, só saindo dali com sua autorização. O único vento que não ficava preso era o Iápige, que soprava da Itália para a Grécia, favorável, portanto, a quem fazia aquela viagem.

Comparando-se as duas passagens, vê-se que, enquanto Horácio pede ao pai dos ventos, Éolo, que mantenha presos os demais ventos, para que não causem danos à nau em que Vergílio está, Camões diz que, por ordem de Netuno, Éolo deverá soltar contra os portugueses as fúrias dos ventos repugnantes.

Outros ventos são nomeados por Camões, como: Áfrico (C. I, 27); Noto (C. I, 27, V, 67 e 73, VI, 76 e 90); Áquilo (C. VI, 31 e 76)

Destaquemos algumas passagens:

Canto I, 27 Áfrico e Noto:

*“Agora vedes bem que, cometendo
O duvidoso mar num lenho leve,
Por vias nunca usadas, não temendo
De Áfrico e Noto a força, a mais se atreve!”*

Camões descreve o atrevimento dos navegantes, ao enfrentarem o mar numa embarcação pouco forte (lenho leve), por caminhos desconhecidos, sem temerem a força dos ventos Áfrico e Noto. Este, vento do sul; aquele, vento do sudoeste, ambos causavam grandes tempestades.

Canto V, 67 *Injuriado Noto da porfia*
Em que co'o mar (parece) tanto estava,
Os assopros esforça iradamente,
Com que nos fez vencer a grão corrente.

O ofendido Noto luta com as correntes marítimas e, iradamente, reforça seus assopros. Geralmente o Noto vem determinado por adjetivos como: irado, raivoso,. Essa passagem refere-se às fortíssimas correntes do canal de Moçambique contra as quais muito lutou a armada portuguesa.

Também no C. VI, 90, Camões cita o “irado Noto”:

Assi mesmo a formosa Galatéia
Dizia ao fero Noto, que bem sabe
Que dias há que em vê-la se recreia,
E bem crê que com ele tudo acabe.”

A fonte de Camões ainda está na Ode III acima citada: *Sic Diva Potens Cypri*, na seguinte passagem de Horácio:

“Primus, nec timuit praecipitem Africum
Decertantem Aquilonibus,
Nec tristes Hyadas, nec rabiem Noti,
Quo non arbiter Hadriae
Maior, tollere seu ponere vult freta.”

(*Aquele, o primeiro, não temeu o arrebatado vento Áfrico que combateu o terrível Aquilão, as tristes Híades, nem o furor do vento Noto, do qual não há maior dominador do mar Adriático, que ora quer levantar as ondas, ora quer aplacar os mares*)

Horácio descreve o Áfrico (*praecipitem*) como impetuoso, repentino que chega com grande violência. Quanto ao Noto, também conhecido como Austro, fala de seu furor, de sua raiva (*rabiem*). Outro mencionado é o Áquilo ou Aquilão, vento tempestuoso do norte, semelhante ao vôo da águia.

Camões também cita o Áquilo no C. VI, 31 e 76.

Canto VI, 76: *Noto, Austro, Bóreas, Áquilo queriam*
Arruinar a máquina do mundo,
A noite negra e feia se alumia
Co 'os raios em que o Polo todo ardia!

Na enumeração dos ventos, note-se a repetição que Camões fez. Austro é o nome grego do mesmo vento Noto, em latim, enquanto a Bóreas, grego, corresponde o latino Áquilo.

Outro passo em que se pode constatar a influência horaciana em Camões está na estrofe 103 do C. IV, através da fala do Velho do Restelo, ao usar a expressão antonomásica: filho de Jápeto.

“Trouxe o filho de Jápeto do céu
O fogo que juntou ao peito humano.

*Fogo que o mundo em armas acendeu,
Em mortes, em desonras (grande engano)!”*

O filho de Jápeto e da nereida Climene foi Prometeu, o titã que roubou o fogo celeste, reservado a Júpiter, e trouxe-o para a terra, dando vida aos homens e fazendo progredir a humanidade. Júpiter, traído, puniu a raça humana, dando a Pandora uma caixa fechada e enviando-a à terra para levar os mortais à perdição. Castigou Prometeu, acorrentando-o no cume de um monte, onde uma águia comia-lhe o fígado. Recompuesto à noite, voltava a ser devorado num eterno suplício .

Camões sintetiza a lenda, lembrando que o fogo sagrado “acendeu o mundo em armas, mortes e desonras”.

Ao final da Ode III, Liber I, Horácio descreve o fato, usando a expressão “*Audax Iapeti genus*”, a ousada geração de Jápeto, isto é, Prometeu. Eis a passagem:

*Audax Iapeti genus
Ignem fraude mala gentibus intulit
Post ignem aetheria domo
Subductum, macies et nova febrium
Terris incubuit cohors,
Semôtique prius tarda necessitas
Leti corripuit gradum.*

(A ousada geração de Jápeto trouxe o fogo com conseqüência funesta para as nações. Depois de roubado o fogo da morada celeste, uma aridez e uma desconhecida espécie de febre grassou nas terras, e a necessidade da morte distante, antes vagarosa, acelerou o passo).

Vê-se que Horácio já descrevera os malefícios impostos por Júpiter aos homens na terra pelo roubo do fogo sagrado cometido por Prometeu.

Mas o Velho do Restelo também adverte os portugueses sobre as dificuldades marítimas, amaldiçoando aquele que primeiro ousou enfrentar os mares. É a passagem da estrofe 102 do referido C. IV:

*Oh! Maldito o primeiro que, no mundo,
Nas ondas vela pôs em seco lenho!
Digno da eterna pena do Profundo,
Se é justa a justa lei que sigo e tenho!*

Camões certamente tinha na memória a passagem da mesma Ode III de Horácio:

*“Illi robur aes triplex
Circa pectus erat, qui fragilem truci
Commisit pelago ratem
Primus nec timuit praecipitem Africum
Decertantem Aquilonibus”*

(*Aquele que tinha o carvalho e o tríplice bronze junto ao peito (Isto é, tinha o coração duro, era atrevidíssimo) , primeiro entregou o frágil navio ao tempestuoso mar e não temeu o arrebatado vento Áfrico que combatia o terrível Aquilão.*)

Portanto, Horácio já se referira à ousadia daquele destemido que primeiro enfrentou o mar bravio e os temíveis ventos.

Mas Camões não aproveitou só as agruras descritas por Horácio, como mortes e tempestades.

Durante o banquete oferecido por Tétis aos navegantes portugueses, no C.X, fala das divinas iguarias e dos bons vinhos nas estrofes 3 e 4.

Estrofe 4:

*“Os vinhos odoríferos, que acima
Estão não só do itálico Falerno
Mas da ambrosia, que Jove tanto estima”*

Faz referência a Falerna, região entre o monte Mársico e o rio Vulturno, famosa pelos ótimos vinhos ali produzidos.

Horácio já enaltecia os vinhos dessa região.

Ode XX, Liber Primus

*Vile potabis modicis Sabinum
Cantharis.....
Caecubum et prelo domitam Caleno
tu bibes uvam; mea nec Falernae
temperant vites neque Formiani
pocula colles.*

(*Tu beberás em modestos copos o barato vinho sabino..... Tu podes saborear o vinho céculo e a uva espremida no lagar de Caleno; e nem os vinhos de Falerno, nem os vinhos das colinas formianas alteram (o sabor) de meus copos.*)

Horácio contrapõe o modesto vinho dos sabinos aos famosos *vinum caecubum* e *vinum falernum*.

Também na Ode I do Liber Tertius, Horácio refere-se ao Falerno:

*“Quod si dolentem nec Phrygius lapis
nec purpurarum sidere clarior
delenit usus nec Falerna
vitis Achaemeniumque costum,”*

(*Pois, se nem a pedra Frígia nem o uso das púrpuras mais brilhante do que os astros, nem a vinha de Falerno, nem o perfume persa aliviam aquele que sofre...*)

Camões, no C. IX, onde descreve a Ilha dos Amores, na estrofe 53 compara-a à Ilha de Delos, local em que nasceram Febo e Diana, filhos de Latona e Júpiter.

*“Mas firme a fez e imóvel, como viu
Que era dos nautas vista e demandada,
Qual ficou Delos, tanto que pariu
Latona Febo e a deusa à caça usada.”*

Na estrofe anterior os navegadores avistam a ilha, “fresca e bela”, sendo trazida pelas ondas por Vênus. A deusa torna-a firme, isto é, fixa, como acontecera com a Ilha de Delos.

Na passagem mitológica, Latona dará à luz filhos de Júpiter. Juno, esposa ciumenta, para castigá-la, torna proibidos todos os lugares na Terra. Latona consegue refúgio na Ilha de Ortígia, por ser esta flutuante e estéril, sem, portanto, lugar fixo. Ali tem os filhos Febo ou Apolo e Ártemis ou Diana. Apolo, agradecido, fixou-a no centro do mundo grego, dando-lhe o novo nome: Delos: “a brilhante”, “a luminosa”.

Também Horácio já se referira às personagens da Ilha de Delos na Ode XXI do Liber Primus:

*“Dianam tenerae dicite virgines,
intonsum, pueri, dicite Cynthium
Latonamque supremo
Dilectam penitus Iovi”*

(*Ó afetuosas virgens, cantai Diana; ó rapazes, cantai o intonso Cynthio e a Latona mui querida por Júpiter*)

Horácio pede aos jovens que exaltem os deuses Diana e Cynthio, nome este pelo qual também é conhecido Apolo, por ter nascido no monte Cynthus, na Ilha de Delos. E mais adiante, invoca:

*“Vos Tempe totidem tollite laudibus
natalemque, mares, Delon Apollinis”*

(*Vós, ó varões, exaltai com outros tantos louvores o vale deleitoso e Delos a terra natal de Apolo.*)

Camões, poeta maior, grande humanista, soube como ninguém reviver a cultura clássica. Seu poema épico traz-nos relíquias de escritores latinos, como Vergílio, Ovídio, Horácio, Lucano.

Há muito ainda de beleza a se descobrir em Os Lusíadas, por isso são judiciosas as palavras de Aubrey Bell: “Convém averiguar as razões por que Camões é um dos maiores poetas do mundo”⁷.

⁷ “Citação tirada da obra Os Lusíadas, Rio, Biblioteca do Exército Editora, 1980, p.59.

INFLUÊNCIAS VERGILIANAS

Conhecedor profundo da cultura latina, Camões domina também autores de outras literaturas, influenciadores do período do Renascimento. Além do latim, leitura de original

fê-lo em obras de língua castelhana, e até a usou em sua poesia lírica e, através das fontes de Espanha, tomou conhecimento de autores franceses, italianos e, particularmente de maior importância, os autores gregos. Mas seu grande modelo foi, sem dúvida, Vergílio na *Eneida*, obra que influenciou também *A Divina Comédia*, de Dante.

Não raras vezes, nesse período renascentista, o imitador superou o modelo. Não foi diferente em Camões. Inúmeras passagens de *Os Lusíadas* apresentam descrições muito acima das do príncipe de Mântua, no campo poético, na escolha lexical e até na apresentação de personagens mitológicos. Não menos importante foram as passagens em que Camões buscou como fonte a *Odisseia*, particularmente nas aventuras marítimas que, como bem já observou a crítica, enquanto em Homero o nauta é Ulisses, em *Os Lusíadas*, esse nauta foi o próprio Camões: “.....de experiências feito” (C. IV,94).

Mas o importante é cotejarmos as duas obras através de algumas passagens. Ei-las:

Camões, C. II, 40 (lágrimas)

*Este povo, que é meu, por quem derramo
As lágrimas que em vão caídas vejo,
Que assaz de mal lhe quero pois que o amo.*

Vênus suplica a Júpiter que proteja os lusitanos contra os inimigos e os terríveis obstáculos marítimos, explorando as lágrimas de mulher. Na estrofe anterior, onde inicia a invocação, para aplacar a ira do Pai dos deuses do Olimpo, atribui-lhe qualidades para sensibilizá-lo:

*“Sempre eu cuidei, ó Padre poderoso,
Que, para as cousas que eu do peito amasse
Te achasse brando, afável, amoroso,”*

Camões inspirou-se na Vênus de Vergílio que pede ao Poderoso deus que intervenha a favor de Enéias e relembra as desgraças sofridas pelos troianos, usando também as lágrimas como meio de persuasão.

Eneida, Liber I, 227 ⁸

*Atque illum tales jactantem pectore curas
Tristior et lacrimis oculos suffusa nitentes
Alloquitur Venus: “O qui res hominumque Deumque
Aeternis regis imperiis et fulmine terras,
Quid meus Aeneas in te committere tantum,
Quid Troes potuere, quibus tot funera passis
Cunctus ob Italiam terrarum clauditur orbis?”*

⁸ Virgile, *L'Énéide*, Paris, Librairie Garnier Frères, 1947.

(*E Vênus, muito triste e tendo molhado com lágrimas os olhos brilhantes, fala àquele que revolvia no peito tais preocupações: “Ó tu que reges com impérios eternos as coisas não só dos homens, mas também dos deuses e os atemorizas com o raio: que tamanho (crime) pôde o meu Enéias, que coisa puderam os troianos cometer contra ti, para os quais, tendo sofrido tantas desgraças, se fecha todo o mundo por causa da Itália?”*)

Camões, mais adiante, na estrofe 45, refere-se ao “piedoso Enéias”:

*“E se o piedoso Enéias navegou
De Scila e de Caribdes a mar bravo”*

Emprega, aí, a mesma expressão usada por Vergílio no v. 220 da Eneida:

“Praecipue pius Aeneas.....”

Ouvidas as reclamações de Vênus, com o rosto banhado “em lágrimas ardentes”, Júpiter vai responder-lhe. Antes de sua fala, Camões descreve-lhe a emoção e o tratamento que dispensa à dileta filha, na estrofe 42 do mesmo Canto. Ei-la:

*E destas brandas mostras comovido,
Que moveram de um tigre o peito duro,
Co ‘o vulto alegre, qual do Céu subido,
Torna sereno e claro o ar escuro,
As lágrimas lhe alimpa e, acendido,
Na face a beija e abraça o colo puro
De modo que dali, se só se achara,
Outro novo Cupido se gerara.*

Camões nos pinta um Júpiter mais ousado que o descrito por Vergílio. Comovido com as lágrimas e a beleza de sua filha, que “moveriam o peito duro de um tigre”, o pai dos deuses, com o rosto alegre, limpa-lhe as lágrimas e, ruborizado, afogueado, beija-lhe a face, abraça-lhe o colo níveo. Diz-nos Camões que Júpiter, na exaltação do amor, se torna um novo Cupido, deus do Amor, personifica a paixão arrebatadora e seu nome provém do verbo cupere que significa “desejar ardentemente”, “ter desejos sensuais”.

Na Eneida, assim descreve Vergílio a atitude de Júpiter para com a filha no v. 254:

*“Olli subridens hominum sator atque deorum
Vultu, quo caelum tempestatesque serenat,
Oscula libavit natae; [dehinc talia fatur:]”*

(*O pai dos homens e dos deuses, sorrindo para ela, com o rosto, com que serena o céu e as tempestades, tocou levemente os lábios da filha [depois diz tais palavras:]*)

Não resta dúvida de que, nessa passagem, Camões superou a sua fonte de inspiração, pintando um Júpiter pouco contido diante da beleza e artimanhas de Vênus.

Resposta de Júpiter. Camões, C.II, 44:

*Fermosa filha minha, não temais
Perigo algum nos vossos Lusitanos,
Nem que ninguém comigo possa mais
Que esses chorosos olhos soberanos;
Que eu vos prometo, filha, que vejais
Esquecerem-se Gregos e Romanos,
Pelos ilustres feitos que esta gente
Há de fazer nas partes do Oriente.*

O Júpiter de Camões começa por realçar a beleza de sua filha Vênus: fermosa filha. Promete-lhe que os feitos dos lusitanos não serão impedidos pelos obstáculos que ocorrerem, de tal modo que as conquistas dos heróis gregos e romanos serão esquecidas diante do heroísmo dos lusitanos. É uma alusão ao astuto Ulisses, herói da guerra de Tróia e personagem das aventuras por que passa, tramadas na *Odisséia*, durante dez anos, na volta à Ilha de Ítaca. Refere-se, ainda, como já fizera na estrofe III do C. I, a Enéias, o herói troiano, filho de Vênus e do mortal Anquises, que, após a guerra de Tróia, partiu com os familiares e os deuses dos lares para Lavínia, na Itália.

Enéias reinou no Lácio donde procede a geração latina que se transformaria na grande nação romana.

Na *Eneida*, assim Vergílio descreve as palavras de Júpiter a Vênus, a partir do v. 257, Liber I:

*"Parce metu, Cytherea; manent immota tuorum
Fata tibi; cernes urbem et promissa Lavini
Moenia, sublimemque feres ad sidera caeli
Magnanimum Aeneam, neque me sententia vertit"*

(*Abstém-te do medo, Cyteréia, os destinos dos teus permanecem-te inabaláveis; verás a cidade e os muros prometidos de Lavínio e exaltarás o sublime e magnânimo Enéias aos astros do céu, nem (esta) resolução me mudou*).

Esta passagem, em que Júpiter procura afastar os temores da filha, é certo que inspirou Camões. Vergílio emprega o epíteto de Vênus: Cyteréia tirado de Cythra, nome da ilha consagrada a Vênus depois que para ali foi levada pelos ventos após o seu nascimento. Reafirma sua promessa de que Enéias será o fundador da futura grande nação romana.

Camões, C.II, 45: *Que, se o facundo Ulisses escapou
De ser na Ogígia ilha eterno escravo
E se Antenor os seios penetrou
Ilírios e a fonte de Timavo,
E se o piedoso Enéias navegou
De Scila e de Caribdis o mar bravo,
Os vossos, mores causas atentando,
Novos mundos ao mundo irão mostrando.*

Camões lembra as dificuldades marítimas por que passaram figuras heróicas como Ulisses, descrito por Homero na *Odisséia*, Antenor, fugitivo de Tróia e fundador de Pádua, e Enéias, também fugitivo de Tróia, que fundaria Lavínio. Alude o Poeta à passagem da *Odisséia* em que Ulisses ficou retido na ilha Ogígia, durante sete anos, acolhido, após um naufrágio, por Calipso, que por ele se apaixonou e deu-lhe um filho chamado Latino. Consta que dali só pôde partir depois que Mercúrio, enviado por Júpiter, ordenou-o a Calipso.

Antenor, outro herói troiano, penetrou no golfo (seio) do Adriático onde se localiza Veneza, e no rio de Timavo (na Ilíria).

Enéias passou por tormentos náuticos no estreito de Messina: o rochedo Scila e o sorvedouro Caribdis que lhe ficava em frente.

Comparando a estas dificuldades descritas, diz Camões que os lusitanos farão “mores cousas”, isto é, maiores coisas, maiores feitos.

Mores é o plural de *mor*, forma reduzida do adj.: *maior* > *maor* > *moor* > *mor*.

Camões não se esqueceu da referência que Vergílio faz a Antenor e ao rio Timavo a partir do v. 242 do Canto I.

*Antenor potuit, mediis elapsus Achivis,
Illyricos penetrare sinus atque intima tutus
Regna Liburnorum et fontem superare Timavi,
Unde per ora novem, vasto cum murmure montis
It mare proruptum, et pelago premit arva sonanti.*

(*Antenor, escapado do meio dos aqueus, pôde penetrar nos golfos ilírios e nos reinos interiores dos liburnos, e atravessou o rio de Timavo, dali sai (o rio), como um mar impetuoso, por nove fontes com grande barulho do rochedo e destrói os campos como um mar retumbante.*)

Vergílio descreve as dificuldades por que passou Antenor, que fundaria a cidade de Pádua; fugiu dos aqueus, atravessou os golfos ilírios e os reinos dos liburnos e ultrapassou o rio Timavo, de Venice, na época em que os habitantes o chamavam de mar, daí ter usado a expressão “*mare proruptum*”, como se fosse um mar impetuoso.

O rio Timavo, também citado por Camões, possuía nove fontes ou mananciais. Outros importantes rios aparecem no sonho profético de D. Manuel.

Camões C.IV, 74

*Eu sou o ilustre Ganges, que na terra
Celeste tenho o berço verdadeiro:
Est'outro é o Indo, rei, que, nesta serra
Que vês, seu nascimento tem primeiro.
Custar-te-emos contudo dura guerra;
Mas, insistindo tu, por derradeiro,
Com não vistas vitórias, sem receio,
A quantas gentes vês porás o freio.*

Na estrofe 68, D. Manuel caiu no sono e Morfeu aparece-lhe em várias formas. Como fosse crença que os acontecimentos reais eram protegidos em sonhos, surgem-lhe os dois mais importantes rios da Índia: o Ganges e o Indo, que representam as vastas regiões em que imperaria o domínio político dos portugueses, bem como o comercial.

Os versos 1 e 2 da estrofe 74 traduzem a crença existente de que o rio sagrado Ganges nascia no céu, banhando o Paraíso; suas águas purificavam as almas.

No v. 3, ao referir-se ao Indo, aparece a palavra *rei*, ora entre vírgulas, funcionando como vocativo, ora sem vírgula, com função de aposto, dependendo da interpretação do comentarista. Epifânio da Silva Dias, na 2ª edição comentada de *Os Lusíadas*, assim explica a referida passagem: “Cam. chama “Rei” ao Indo, por ser o rio da Índia de mais longo curso...” “Alguns consideram “Rei” vocativo”.

Eis como se apresenta o verso na edição de Epifânio:

“Estoutro he o Indo, Rei que nesta serra,”

Pela colocação da vírgula, vê-se que o filólogo considerou *Rei* como aposto.

Em seus *Estudos*⁹, José Maria Rodrigues não endossa a posição de Epifânio, pois considera “Rei” vocativo, como se depreende de suas palavras:

“E o contexto mostra que são estes que teem razão”

O “Rei” da estrofe 74,3 é o mesmo da estrofe 73,2.

E mais adiante conclui:

“O Rei é D. Manuel, é aquelle que os dois vinham avisar de que era tempo que delles mandasse receber tributos grandes” (est. 73, 7-8)

Nos versos 5 e 6, prenuncia o Ganges que duras guerras custarão aos portugueses, mas, não desistindo, alcançarão grandes vitórias.

Camões inspirou-se na passagem do Livro VIII, versos 62 a 64, da Eneida, onde Vergílio descreve o rio Tibre aparecendo em sonho a Enéias:

*“..... Ego sum, pleno quem flumine cernis
Stringentem ripas, et pingua culta secantem,
Caeruleus Tiberis, caelo gratissimus amnis.”*

(Eu sou [o rio] que vês desbastando as margens com um curso intenso e atravessando férteis lavouras, sou o azulado Tibre, rio muito aprazível [ao céu])

Anteriormente, nos versos 39 e 40, o Tibre incentivara a Enéias:

⁹ Rodrigues, José Maria – Estudos sobre Os Lusíadas, com Estudo Introdutório por Evanildo Bechara, Rio, Editora Lucerna, 1991, p. 46

*“..... ne absiste neu belli
 terrere minis; tumor omnis et irae
 concessere deum”*

(..... não desistas nem fiques assustado com as ameaças de guerra: toda indignação e [todas] as cóleras dos deuses se aplacaram)

Dentre outros mitos romanos sobre o deus Tiberino, este prediz a Enéias a fundação de Alba Longa por seu filho Ascânio que fixará na Itália os Lares troianos.

Camões, C. IV, 95 : O Velho do Restelo

*Ó glória de mandar, ó vã cobiça
 Desta vaidade a quem chamamos fama!
 Ó fraudulentó gosto, que se atiça
 Cua aura popular, que honra se chama!
 Que castigo tamanho e que justiça
 Fazes no peito vão que muito te ama!
 Que mortes, que perigos, que tormentas,
 Que crueldades neles exprimentas!*

O velho apareceu na praia do Restelo, local em que as mulheres restelavam a estopa com o *restelo* ou *pente de ferro* com que tiravam a estopa do linho para fazerem corda. Esse velho, à hora da partida das naus portuguesas, surge misteriosamente, faz eloqüente discurso e desaparece sem explicação do motivo que o levou ali.

Várias interpretações foram apresentadas para justificar a presença do Velho do Restelo, como a que vê no discurso, segundo Rebelo Gonçalves, a voz dos homens do Norte, conservadores e apegados à terra, a voz do homem da rua, inconformado com a audácia dos reis.

Cabe destacar, contudo, a lúcida explicação de Gladstone Chaves de Melo¹⁰, que classificou o episódio do Velho do Restelo como AntiLusíadas. Considerando insuficientes as interpretações existentes, procura explicar como os 88 versos desse episódio condenam o que os 8 728 enaltecem.

Gladstone considera que o Velho do Restelo é o próprio Camões, já desiludido numa vida de sofrimento, de exílio, de privações e, conhecendo melhor os homens, constata o falso louvor aos áulicos, a falta de espírito público dos políticos. No referido episódio, muda-se o narrador. Vasco da Gama dá vez a um “velho de aspeito venerando” como a pedir perdão do que, com tanto engenho e arte, dissera em “estilo grandiloquo e corrente”.

O 1º verso da estrofe 95: “*Ó glória de mandar, ó vã cobiça*” denota ser a maior paixão do mando, o “*eritis sicut dii*”

¹⁰ Comunicação apresentada na III Reunião Internacional de Camonistas, em Coimbra, 1980. O texto foi publicado também no 22º número da Revista Confluência, Rio, 2001.

Conclui o eminente filólogo que o famoso e misterioso episódio foi escrito depois de o poema estar pronto e inserido no C.IV após a estrofe 93, que antes o terminaria.

O velho fala da Fama que reflete a cobiça e a vaidade dos homens. Adverte sobre os perigos, mortes e crueldades por que passarão os portugueses nos embates.

Hernani Cidade, ao dizer: “Vasco da Gama, novo Ulisses ou Enéias, conta os prantos e as vozes cujo eco lhe ficou nos ouvidos”, faz-nos recordar passagens da Eneida em que Enéias vai aos Campos Elíseos encontrar o velho pai Anquises e dele ouve falar da fama e criticar os males e perigos da guerra. Eneida, Liber VI, 888

*Quae postquam Anchises natum per singula duxit
Incenditque animum famae venientis amore,
Exin bella viro memorat quae deinde gerenda.*

(Depois que Anquises levou o filho por todas aquelas coisas, e lhe acendeu o ânimo com o amor da fama que há de vir, logo conta ao varão [Enéias] as guerras que hão de ser feitas.)

O velho do Restelo, na estrofe 97, interpela sobre as novas desgraças e perigos a que serão levados os reinos e as gentes:

*“A que novos desastres determinas
De levar estes reinos e esta gente?
Que perigos que mortes lhe destinavas,
Debaixo dalgum nome preminente?”*

Na Eneida, Anquises também interpela os jovens nos versos 832 e 833:

*“Ne pueri, ne tanta animis assuescite bella;
Neu patriae validas in viscera vertite vires.”*

(Ó rapazes, não, não costumeis vossos espíritos a tão grandes guerras, nem desvieis as poderosas forças para as ruínas da pátria)

E adiante, nos versos 834 e 835:

*“Tuque prior, tu parce, genus qui ducis Olympo;
Proice tela manu, sanguis meus!...”*

(E tu, meu primeiro sangue (César Augusto), tu que tiras a origem do Olimpo, poupa a pátria, lança fora das mãos as armas!)

E, finalmente, vaticina as lutas e glórias romanas, nos versos 851 a 853:

*“Tu regere imperio populos, Romane, memento
Hae tibi erunt artes, pacisque imponere morem,
Parcere subjectis et debellare superbos.”*

(Tu, ó romano, lembra-te de governar os povos com teu império. Estes recursos são para ti: impor as condições de paz, poupar os vencidos e esmagar os soberbos.)

Eis quando Anquises prediz o futuro conquistador dos romanos: dominar o mundo, formando o grande império. Na passagem *pacis imponere morem* (impor as condições de paz), tem-se aí uma alusão a Augusto que almejava ser o Imperador da paz.

Não fugindo à influência de seus modelos, Camões, na estrofe 13 do C. III, exalta a ilustre Grécia imortalizada em vários campos da sua cultura.

.....
*Que criastes os peitos eloqüentes
 E os juizes de alta fantasia
 Com que tu, clara Grécia, o céu penetras
 E não menos por armas, que por letras.*

Os peitos eloqüentes referem-se aos oradores; *os juizes de alta fantasia*, aos filósofos e poetas.

Sabiamente, já o fizera Horácio na *Epístola aos Pisões*:

*“Non laudem merui. Vos exempla Graeca
 Nocturna versate manu, versate diurna.”¹¹*

(*Não mereço nenhum elogio. Mas vós folheais as obras gregas, durante o dia e durante a noite*)

Vergílio, à exceção do poderio militar e do gênio bélico, concede à Grécia a superioridade na cultura, na gravura do bronze, na escultura, na eloqüência e na astronomia¹² É o que se pode observar nos versos 847, 848, 849, 850 que antecedem esta invocação ao homem romano.

*“Excudent alii spirantia mollius aera,
 Credo equidem; vivos ducent de marmore vultus;
 Orabunt causas melius, caelique meatus
 Describent radio et surgentia sidera dicent”*

(*Outros povos, sem dúvida creio, melhor esculpirão os bronzes que parecem ter vida, farão no mármore figuras (quase) vivas; advogarão melhor as causas; descreverão com o compasso os movimentos dos astros e nomearão as estrelas que surgirem*)

As duas últimas referências aludem aos matemáticos e aos astrônomos.

Faremos, agora, algumas observações sobre uma das mais belas e admiradas passagens de *Os Lusíadas*, o episódio do Adamastor, Camões, C. V, 51:

*Fui dos filhos aspérrimos da Terra,
 Qual Encélado, Egeu e Centimano;
 Chamei-me Adamastor, e fui na guerra
 Contra o que vibra os raios de Vulcano;*

¹¹ Horace – Paris, Librairie Garnier Frères, 1950 (Epistula ad Pisones, v. 268, 269.

¹² Romero, Néilson – O VI Livro da Eneida, Rio, Tipografia Leuzinger, 1933.

*Não que pusesse serra sobre serra,
Mas, conquistando as ondas do Oceano
Fui capitão do mar, por onde andava
A armada de Netuno, que eu buscava.*

COMENTÁRIOS

Adamastor compara-se aos gigantes da Terra que declararam guerra aos deuses do Olimpo.

Aspérrimos – cruéis e terríveis pelo aspecto

Encélado – Titã, filho da Terra, junto a outros, os quais superpuseram montes para chegar ao céu. Contudo, foram derrotados pelos raios feitos por Vulcano e lançados por Júpiter, sendo soterrados por Minerva sob o Etna.

Centimano – possuía cem braços e hálito de fogo. Diz Adamastor que, enquanto os Gigantes atacavam o Olimpo, ele esteve na guerra contra Júpiter, conquistando os mares, buscava destruir a armada de Netuno.

Centimano é palavra com acentuação grave, portanto paroxítona.

Os filólogos não são unânimes quanto à causa da mudança do acento.

Epifânio da Silva Dias, na edição comentada de *Os Lusíadas*¹³, explica que Camões alterava a sílaba tônica da antepenúltima para a penúltima, de nomes próprios greco-latinos, identicamente ao que faziam os poetas latinos. São suas palavras: “Os poetas latinos, para satisfazerem a necessidade métrica, tomavam a liberdade de empregar, em palavras peregrinas, as vogais breves como longas, e vice-versa.” Contudo, Epifânio admite também que o Poeta “na maioria dos casos, segue a analogia de palavras já correntes no vocabulário nacional.” Exemplifica alguns casos, como: Centimano, Oceano, Policena, Helena.

O grande filólogo patricio Celso Cunha, em artigo intitulado *Sobre a Pronúncia Camoniana de Alguns Antropônimos*¹⁴, não adere à lição de Epifânio, atribuindo a Camões opção, isto é, uso voluntário da pronúncia paroxítona de nomes como Centimano, Climene, Eolo, Naiades, Semiramis, Zopiro e outros, opinião seguida, geralmente, por filólogos brasileiros e portugueses.

Celso Cunha adverte que, nos séculos XV, XVI e XVII, algumas palavras eruditas latinas e gregas tinham a acentuação alterada por liberdade poética. Contudo, explica o erro de tal generalização, pois nessas épocas, nas línguas portuguesa e espanhola, havia vacilação, não havia norma fixa, uma vez que a “emissão grave dos cultismos esdrúxulos” seguia uma tendência das duas

¹³ Silva Dias, Augusto Epifânio da – *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, 3ª ed., Guanabara, Ministério da Educação e Cultura, 1972, pág. 340.

¹⁴ Cunha, Celso Ferreira da – artigo publicado na Revista *Studia*, do Colégio Pedro II, no. 12, Rio, 1982, pág. 33.

línguas, fato já observado por Nebrija, na *Gramática Castellana*¹⁵ (1492), de cujo trecho só transcrevemos parte:

“*La segunda regla sea que todas las palabras de nuestra lengua comunmente tienen el acento agudo en la penultima silaba...*” “... *passando las palabras griegas i latinas al castellano, mudan el acento agudo en la penultima, teniendolo en la que esta antes de aquella, como Juan de Mena:*

“*Dela biuda Penelópe
I al hijo de Liriópe*”

Celso Cunha ensina ainda que a acentuação grave de Centimano é a única documentada nos poetas clássicos. Diz acreditar ter sido Bluteau o primeiro dicionarista a registrar a forma Centímano (1716)

Vulcano (gr. Hefesto) – deus do fogo e das forjas.

Adamastor – Epifânio da Silva Dias, na edição comentada de *Os Lusíadas*, diz que Camões teria aproveitado o nome Adamastor que aparece no *Epitalâmio* de Sidônio Apolinário. Este autor do século V d.C. (430 – 483 ou 491) compôs poemas pagãos e mitológicos. Consta terem sido assombrosos seus conhecimentos das literaturas latina e grega. Contudo, segundo seus biógrafos¹⁶, foi na juventude que granjeou o nome entre seus contemporâneos, principalmente com seu *Epistolário*.

Também Epifânio e José Maria Rodrigues¹⁷ admitem que Camões tirou o nome Adamastor da leitura da “*Officina de Ravisio Textor, espécie de encyclopedia, muito lida no século XVI*”, e o nome teria provindo da obra *Epithalamio*, de Sidonio Apollinario cujo trecho é transcrito nos comentários de José Maria Rodrigues. E, logo a seguir, explica: “E foi aqui, creio eu, que Rabelais e Camões leram este nome, aproveitando-o com intuítos muito diversos.”

Completa suas observações, percorrendo sobre a etimologia de Damastor, Adamastus e Adamastor.

Não creio que Camões se tenha inspirado nele, nem mesmo que o tenha consultado.

Sua grande fonte eram as epopéias: *Eneida*, *Ilíada* e *Odisséia*, sendo que a primeira pelo texto original, enquanto as outras através das obras em língua espanhola. Isto pode ser comprovado pelas inúmeras citações de passagens e de personagens da *Odisséia*, das quais citamos algumas:

Circe – Lus. C.V, 88 – “*Fingindo magas Circes, Polifemos*”, Camões emprega aqui os nomes mitológicos no plural.

Lus. C.VI, 24 – “*Que Circes tinha usado co’a fermosa*”

¹⁵ Edição de Pascual Galindo Romeo e Luís Ortiz Muñoz, I, Madrid, 1946, págs 38, 39

¹⁶ Gudeman, Alfred – *Historia de la Literatura Latina*, 3ª ed., Editorial Labor, Barcelona, 1942.

¹⁷ *Ibidem*, C. V, 51, pág. 62, 63

A forma Circes, no singular, é incorreta. Camões, possivelmente manteve a forma usual em outros escritores, como ocorre também, segundo Epifânio, na edição de *Os Lusíadas*, em Sá de Miranda. Tanto em grego como em latim: “Κίρκη e Circe” o nome termina em –e. A forma Circes é genitivo em nomes de origem grega. A confusão se deveu à analogia com outros nomes de origem grega, que têm o nominativo singular em –es, como Socrates, si (gr. Σωκράτης)

Ogígia – Lus. C. II, 45 – “De ser na Ogígia eterno escravo”. Ilha onde Ulisses ficou retido pela ninfa Calipso durante sete anos.

Polifemo (gr. Πολύφημος) – Lus. C.V, 28 – “Selvagem mais que o bruto Polifemo”.

Polifemo era um monstro de um só olho na testa, a quem Ulisses cegou. Era um dos ciclopes, nome que significa “olho redondo” do gr. Κύκλωψ (lat. Ciclōps, Ciclōpis).

Cila –Lus. C.VI, 24- *“Inda vinha chorando o feio engano
Que Circes tinha usado co’a fermosa
Cila que ele ama, desta sendo amado”*.

É uma belíssima ninfa por quem o feio Glauco se apaixonou. Não correspondido, pediu a Circe, que estava apaixonada por ele, um filtro de amor. Circe, porém, vingou-se da rival, transformando-a num monstro.

Caribdis (gr. Χάρυβδις) Lus., VI,82 – *“Se tenho novos medos perigosos/
Doutra Cila e Caribdis já passados”*.

Caribdis é uma jovem de voracidade insaciável, castigada por Zeus que a lançou no mar, transformando-a em monstro. Caribdis tornou-se um sorvedouro perigoso para os navegantes. Ulisses, atacado por Caribdis, conseguiu desvencilhar-se com astúcia.

Alcino ou **Alcinoo** (gr. Ἀλκίνοος) – “o defensor da inteligência”.

Alcino, rei dos feaces, conhecido por sua hospitalidade, acolheu Ulisses quando este sofreu naufrágio. Mandou que seus marujos conduzissem Ulisses até a Ilha de Ítaca.

Retornemos aos comentários sobre o nome Adamastor.

É ainda Ernani Cidade¹⁸ que pergunta: “Aonde foi o Poeta buscar o nome Adamastor? A Claudiano, que em sua Gigantomachia dele fala? A Ravisio Textor, que na sua Officina, em 1522, faz a enumeração dos gigantes de que se aproveitou Rabelais, no seu Pantagruel (1533), onde se aponta o Adamastor como um dos antepassados do herói?”

Cidade não se propõe desvendar o mistério da criação do nome Adamastor. Contudo, dá-nos uma interessante pista quando explica que Camões não recebeu a influência vergiliana apenas na criação de episódios, mas tam-

¹⁸ Cidade, Ernani – Luís de Camões, o Épico, 2ª ed., Lisboa, Livraria Bertrand, 1953, p. 127.

bém em “pormenores: - comparações e imagens – pelos quais se completa a influência no léxico e na sintaxe¹⁹”, o que demonstra como o Poeta imita o seu modelo latino.

Ora, sabe-se que Vergílio, nos versos 613, 614, 615 do Livro III fala de Achemênides cujo pai era Adamasto.

*“Sum patria ex Ithaca, comes infelicis Ulixi
Nomen Achemenides, Troiam, genitore Adamasto
Paupere profectus”*

(Sou da pátria Ítaca, companheiro do infeliz Ulisses, o meu nome é Aquemênides; tinha partido para Tróia, sendo pobre meu pai Adamasto.)

São palavras de um jovem grego, Aquemênides, encontrado numa caverna, que narra sua desdita a Enéias e a Anquises.

Consta que o nome Achemenides foi desconhecido de Homero, tirado por Vergílio da dinastia persa dos Achemênides, designando aqui um personagem imaginário²⁰, deixado no país dos Ciclopes e salvo por Enéias. Diz-se que Adamastus é nome inventado por Vergílio²¹, possivelmente com base no radical Damastes (gr. Δαμάστης) do verbo Δαμάζειν²²: “dominar, submeter”.

Seguindo de perto seu modelo, Camões, conhecedor da Odisséia e da Ilíada, embora por traduções, teria em mente outro nome: Damastor, que ocorre várias vezes na Odisséia da qual citamos a seguinte passagem do Canto XXII, 212:

“Πρῶτος τήν γ' ἐνένικε Δαμαστορίδης Ἀγέλαος”²³

(Agelau, filho de Damastor, foi o primeiro a ameaçá-la)

Creio que o poder criativo de Camões levou-o a juntar os dois nomes Adamastus, da *Eneida*, e Damastor, da *Odisséia*, criando o nome do famoso Adamastor, tão mais aterrador e bem descrito quantos gigantes existem nas grandes epopéias.

Como já nos referimos anteriormente, Camões também recebeu influências de outros autores, como Ovídio e Lucano. Que outras pesquisas venham a público para o enriquecimento dos estudos camonianos.

¹⁹ *ibidem*

²⁰ Conf. nota nº. 768 do vol. 1º de Vergile, L'Énéide, Paris, Librairie Garnier Frères, 1948, p. 371.

²¹ *Ibidem*, nota nº. 769

²² Brandão, Junito, Dicionário Mítico-Etimológico, vol. I, Petrópolis, Editora Vozes, 1999.

²³ Homère, Odyssée, texte grec, Paris, Librairie Hachette Et Cie, 1896, p. 801.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERARDINELLI, Cleonice – *Estudos camonianos*, Rio, MEC, Departamento de Assuntos Culturais, 1973.
- BOTTARI, Maximiliano – *Textos de latim*, Porto Alegre, Edição da Livraria do Globo, 1944.
- BRANDÃO, Junito de Souza – *Dicionário Mítico-Etimológico da Mitologia Grega*, Petrópolis, Vozes, 1991, 2 vols.
- _____*Dicionário Mítico-Etimológico*, Petrópolis, Vozes em co-edição com Edunb, 1993.
- CIDADE, Hernani – *Luís de Camões, o Épico*, 2ª ed., Lisboa, Livraria Bertrand, 1953.
- CUNHA, Celso Ferreira da – Artigo publicado na *Revista Studia*, do Colégio Pedro II, nº 12, Rio, 1982.
- GUDEMAN, Alfred – *Historia de la Literatura Latina*, 3ª ed., Barcelona, Editorial Labor, 1942.
- HORACE - *Odes et Épodes*, Paris, Les Belles Lettres, 1991.
- HOMÈRE – *Odyssée*, Paris, Librairie Hachette Et Cie., 1896.
- Luís de Camões Os Lusíadas*, Rio, publicação da Biblioteca do Exército Editora, 1980.
- Odyssée: Poésie Homérique*, tome III, Chants XVI – XXIV, Paris, Belles Lettres, 1947.
- RODRIGUES, José Maria – *Estudos sobre Os Lusíadas*, com Estudo Introdutório por Evanildo Bechara, Rio, Editora Lucerna, 1991.
- ROMERO, Nelson – *O VI Livro da Eneida*, Rio, Tipografia Leuzinger, 1933.
- SILVA DIAS, Augusto Epifânio da – *Os Lusíadas de Luís de Camões*, 3ª ed., MEC, Departamento de Assuntos Culturais, comemoração do IV Centenário, 1972.
- VIRGILE – *L'Énéide*, Paris, Librairie Garnier Frères, 1947.
- _____*Les Bucoliques Et Les Géorgiques*, Paris, Éditions Garnier Frères, 1953.